

# O trem, a cantoria, as montanhas e a dor profunda

## *El tren, el canto, las montañas y profundo dolor*

### **Deivide Almeida Ávila**

Graduando do 7º período de Letras, pelo IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei.  
Professora Orientadora: Ozana A. do Sacramento.  
E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

---

**Resumo:** No conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*, busca-se mostrar a realidade de pessoas com loucura na época em que a cidade de Barbacena, em Minas Gérias, recebia pessoas de todo o território nacional com doenças mental, num hospital sanatório chamado Colônia, considerado “um campo de concentração em pleno Brasil”, segundo a pesquisadora e jornalista Daniela Arbex, no livro *Holocausto Brasileiro* (2013). Para tanto, usar-se-á tal referencial para mostrar e comprovar o discurso lógico, vigente em uma época real, mostrado por Guimarães Rosa no conto a ser estudado.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Realidade. Holocausto Brasileiro.

**Resumen:** En el cuento *Sorôco, su madre, su hija*, se busca demostrar la realidad de las personas con locura en la época que la ciudad de Barbacena, en Minas Gerais, recibía gente de todo el país con enfermedades mentales, en un sanatorio hospital llamado Colonia, considerada “un campo de concentración en el centro de Brasil”, según la investigadora y periodista Daniela Arbex, en el libro *Holocausto Brasileiro* (2013). Para tanto, vamos a utilizar esta referencia para mostrar y probar el discurso lógico, en tiempo real, mostrado por Guimarães Rosa en el cuento que hay ser estudiado.

**Palabras-clave:** Guimarães Rosa. Realidad. Holocausto Brasileño.

---

### *1 Considerações iniciais*

O mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967), nascido em Cordisburgo, mais conhecido como escritor, também foi médico e embaixador.

Considerado um gênio da literatura brasileira, o escritor estreou em 1946 com o lançamento de um livro de contos – *Sagarana*, o qual o elevou como escritor de renome, “em virtude da originalidade de sua linguagem e de suas técnicas narrativas, que apontavam uma mudança substancial na velha tradição regionalista” (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 419).

Variadas foram as obras de cunho regionalista publicadas pelo autor, incluindo, além de contos, novelas e romances. Guimarães Rosa, explorando as técnicas do foco narrativo, nos insere em suas obras como se fôssemos parte dela, como analisaremos no conto “*Sorôco, sua mãe, sua filha*”, pertencente ao livro *Primeiras Estórias*, publicado em 1962.

No conto supracitado, notaremos a presença do regionalismo na escrita do autor, mas, muito além do estilo, podemos perceber as reflexões acerca das inquietações humanas, ainda mais se tratarmos de valores familiares, embutidos nas personagens do conto a ser analisado.

Sobre o livro *Primeiras Estórias*, Bosi (2006, p. 461-462) fala que nele contém “o fascínio do alógico; são contos povoados de crianças, loucos e seres rústicos [...]”, e, sobre o conto a ser estudado, diz que “a canção de duas loucas é o único sinal de realidade que restará no ar do vilarejo que a canta em coro”.

Além de tudo, o estudo desse conto coloca em cena um determinado momento histórico e, a partir dele, permite que seja empreendida uma análise da possível vinculação entre a ficção trazida a termo pelo escritor e a questão escrita com caráter de delação.

## ***2 Apontamentos sobre a escrita do período***

O regionalismo, tendência literária brasileira, põe em foco regiões brasileiras, retratando-as de acordo com a vivência do povo de uma época, por meio de personagens que autenticam o indivíduo com acentuada crítica social.

A literatura regionalista surgiu em meados do século XIX nas obras de José de Alencar, de Bernardo Guimarães, de Taunay e de Franklin da Távora, e perdura até o século XX, nas obras de José Lins do Rego, de Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Guimarães Rosa.

Guimarães Rosa recria a própria língua portuguesa com a invenção de neologismos e o uso de novas estruturas sintáticas. A beleza da escrita de Guimarães Rosa reside na própria palavra, acentua o intuitivo, o psicológico e o primitivo, entre outras características humanas.

## ***3 Para além da palavra reinventada***

Foi com o romance *Grande sertão: veredas*, de 1956, que Guimarães Rosa atinge dimensões universais. Seja pela criação linguística, seja pela utilização de recursos que enfatizam os aspectos peculiares do lugar, ou pelas expressões dos conflitos humanos nos enredos, que Guimarães Rosa se insere no 3ª fase do Modernismo, mais precisamente, no Regionalismo.

Perseguindo a tradição regionalista, já largamente explorada em nossa literatura por autores de várias gerações e épocas, Guimarães Rosa não apenas consegue realizar aquilo que era quase impossível – renovar essa tradição –, mas também levar a literatura brasileira a um de seus pontos mais altos. (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 418)

Também, Faraco e Moura (1990, p. 267) afirmam que o romance “causou impacto [...], pois incorporava a mais radical experimentação linguística por que passara o romance brasileiro contemporâneo”.

O conto aqui estudado muito bem explicita essas qualidades dadas ao escritor, mas é o comportamento humano que mostrarei, salientando a introspecção usada pelo autor, que nos mostra personagens que estão à margem da sociedade.

Segundo Covizzi (1978, p. 65),

os personagens das Primeiras Estórias são sempre seres de exceção, por diferentes motivos. Seja por especial estágio etário de evolução (infância, senilidade), atividades pouco comuns, atitudes surpreendentes, [...], oscilações entre loucura essencial e loucura aparente .

Podemos concordar com Covizzi no que se refere à condição dos personagens. Eles estão, por razões diversas, à margem da sociedade. Dessa forma, Rosa dá as suas personagens a voz que não tem vez na sociedade, porque se preocupa em utilizar em suas obras temas pouco explorados.

Ainda a respeito da coletânea de contos, Ronaí (2001, p. 4-8) aponta que

os protagonistas de *Primeiras estórias* farejam esses acontecimentos, adivinham esses milagres. São todos, em grau menor ou maior, videntes: entregues a uma ideia fixa, obnubilados por uma paixão, intocados pela civilização, guiados pelo instinto, inadaptados ou ainda não integrados na sociedade ou rejeitados por ela, pouco se lhes dá do real e da ordem. Neles a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais fundo, os gestos e os atos mais simples se transubstanciam em símbolos. [...] Pois bem, na multidão de figurantes de *Primeiras estórias*, os personagens quase todos pertencem a duas categorias, a de loucos e a de crianças. Os da primeira são particularmente numerosos. Rodeados da áurea desapiência e santidade de que os cerca o povo, exibem infundáveis esfumaturas e gradações da demência. Impossível traçar, aliás, e linha de demarcação entre esta última e a normalidade [...].

O conto “Sorôco, sua mãe, sua filha” retrata um fato corriqueiro de uma época em que pessoas com doenças mentais eram levadas para a cidade de Barbacena-MG para serem internadas. Os sintomas descritos das personagens apontam elementos que condizem com a condição de loucura ou demência mental que justificavam a internação num hospital psiquiátrico naquela época.

Sobre Guimarães Rosa, Arbex (2013, p. 28) diz:

o romancista e contista foi médico voluntário da Força Pública durante a Revolução Constitucionalista de 1932, ingressando, um ano depois, como oficial médico, no 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena. No conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, [...] o autor resgata a situação dos trens que chegavam apinhados de gente à capital brasileira da loucura, em busca de tratamento psiquiátrico.

Então, Guimarães Rosa vivenciou tal situação, o que contribuiu para o autor conhecer a realidade sobre o modelo assistencial asilar daquele lugar. Sendo assim, o constructo ficcional do autor calca-se num padrão médico psiquiátrico desbancado atualmente por novos conceitos científicos, mas que perdurou por longo tempo e fez da fria cidade mineira referência médica. A propósito, a expressão popular “trem de doido” nasceu justamente da situação retratada no conto roseano.

O título da obra traz uma ambiguidade criada pelo uso de vírgulas, que nos deixa sem saber quem é a mãe e quem é a filha. Se houvesse a conjunção aditiva ‘e’, o leitor saberia ‘de cara’ que se trata de duas pessoas: a mãe e a filha. Ao mesmo tempo,

o uso das vírgulas pode mostrar que Sorôco tem um papel em que ele aglutina as funções de pai e filho.

Mesmo no título e em toda a obra, o único personagem a ser nomeado é Sorôco, cujo nome faz alusão a um pedido de socorro, o que pode ocorrer com cuidadores de pessoas loucas, como o protagonista. Alude, ainda, conforme Passos (2000, p. 130), a sou louco, pois a intensa angústia provocada pela separação poderia levar o protagonista à condição de loucura. Talvez, a não nomeação das personagens femininas se deva à patologia que ambas têm, uma vez que quem sofre de loucura não tem discernimento das coisas da vida e falta de convivência social, coibindo-lhes a identidade. E acrescente-se a isso a condição de anonimato que as pessoas embarcadas adquiriam no vagão destinado aos loucos.

Circundando a problemática social, o conto traz logo nas primeiras linhas um contexto desconstruído de humanidade que o escritor revela em tom de denúncia social. Ao anunciar que “não era um vagão comum de passageiros”, insinua que se tratava de um transporte especial, equipado com muita segurança: “a gente reparando, notava as diferenças. Assim, repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos [...]. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre” (ROSA, 2001, p. 62). Daí, podemos notar a discriminação social, o vagão era feito uma prisão, como se os passageiros fossem pessoas oriundas de sentença penal transitada em julgamento pela sociedade. Ainda, os loucos eram vistos e tratados como bichos que deveriam ser trancafiados e colocados lá pelo fim dos vagões, como podemos ver que eles ficavam “do lado do curral de embarque de bois, antes da guarita do guarda-chaves, perto dos empilhados de lenha” (ROSA, 2001, p. 63).

As personagens mãe e filha são típicas pessoas que sofrem de loucura, a vemos por seus modos e comportamentos citados por Rosa (2001, p. 64), a moça: “[...] com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espalhados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas [...]”; a mãe: “a velha só estava de preto, com um fichu preto, ela batia com a cabeça, nos docemente. Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam”.

O narrador-testemunha expõe a derradeira desgraça a qual as parentas de Sorôco iam vivenciar no hospício e a languidez do tutor por tê-las levado: “Sorôco estava dando o braço a elas, uma de cada lado. Em mentira, parecia entrada em igreja, num casório. Era uma tristeza. Parecia enterro” (ROSA, 2001, p. 64).

Aí, podemos deduzir que realmente parecia um casamento, Sorôco estava levando a mãe e a filha a se casarem com a solidão do maior hospício do Brasil, chamado de Colônia, e um enterro, porque sabia que jamais iria vê-las. Observa-se que as duas situações são decisivas e contrastantes, mas na narrativa compõem um cenário de profunda melancolia e resignação.

Como vários estudiosos já assinalaram, também, o narrador participa da desgraça alheia, incluindo-se na estória como espectador, juntamente com o povo, quando diz: “A gente reparando, [...]”, “A gente sabia que, [...]”, “A gente olhava [...]” (ROSA, 2001, p. 62-63). E parece que, assim como os demais habitantes da cidade, o narrador se compadece do sofrimento do protagonista. Aí, podemos perceber a

solidariedade do povo, compartilhando da dor de Sorôco para levar suas parentas à estação para o embarque em direção ao isolamento.

Tal solidariedade do povo é mostrada com a compaixão para com Sorôco, porque diziam que ele tinha tido muita paciência e “sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio”, uma vez que ele pelejava com as duas, cujos casos, eram irreversíveis (ROSA, 2001, p. 64).

Arbex (2013, p. 27) relata a chegada dos pacientes ao hospital psiquiátrico:

quando a locomotiva desacelerava, já nos fundos do Hospital Colônia, os passageiros se agitavam. Acuados e famintos esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem se quer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para aquele lugar.

Ainda, Arbex (2013, p. 23-24) compara os vagões do “trem de doido”, assim nomeados por Guimarães Rosa, aos usados na segunda guerra mundial para levarem judeus para os campos de concentração nazistas. Esses vagões eram superlotados, sem condições de higiene alguma, que levavam as pessoas para um destino terrível, como se fossem cargas com destino a um local que passarão em condições subumanas, até o fim da vida.

Daí, a tristeza de Sorôco, porque a partida de seus entes representava a separação deles, com um distanciamento, sem volta. Sorôco viu-se desesperado, desolado, com a ausência e a distância que estaria de sua mãe e sua filha.

O desolamento do filho/pai é revelado quando ele vê se aproximar o carro que irá levá-las. Guimarães Rosa mostra a solidão do personagem redigindo um parágrafo somente com seu nome, Sorôco, aqui, cabendo as ambiguidades de significado já citadas: socorro, por ficar solitário e/ou sou louco, por deixar que elas vão embora.

A solidariedade do povo foi somente para com Sorôco, talvez, porque mal sabiam o tratamento que sua mãe e filha receberiam no hospício. Segundo Arbex (2013, p. 47-48),

fome e sede eram sensações permanentes no local onde o esgoto que cortava os pavilhões era fonte de água. Ainda, os pacientes, rotineiramente se punham em filas, de prontidão, às 5 horas da manhã para irem para o pátio, e voltavam no início da noite para dormir.

Enquanto aguardavam a partida do trem, as mulheres puseram-se a cantar. Aqui, uma das partes mais dramáticas da narrativa, o narrador se inclui na estória, percebendo no olhar da avó um grau de afetividade e cumplicidade com a neta. Passos (2000, p. 130) elucida uma leitura dessa cessão:

enfeitada de “disparates”, a moça é quem começa o canto, seguida pela velha cujo olhar traduz “amor extremoso”. Essa ligação amorosa intensa, aparentemente sem sentido, é responsável pela função materna. Mesmo “no desvio”, a avó, ao endossar a expressão vocal da neta, revigora elos, atingindo Sorôco (So/ loco: sou louco?), após a partida de ambas. Simbolicamente, ele

parece, então, recuperar o que por instantes esquecerá: o legado histórico da continuidade.

Então, nessa passagem, podemos expor que o narrador deixa de ser um observador e penetra no enredo. Há que se observar que Sorôco é o primeiro “a fazer coro” com as duas ‘cantoras’. Ele é parte dessa família e esse laço sanguíneo o envolve na cantoria. Em seguida, a população, que até então fora expectadora do sombrio espetáculo, integra-se à cantoria, como se também partilhasse da dor daquela família, especialmente do sofrimento de Sorôco que agora está irremediavelmente só.

Chega o instante esperado pela moça e pela velha, que cantavam desarranjadamente até o momento da partida. Nesse momento, Sorôco se fez sozinho com agonizante sentimento de piedade e solidão que arrebatou sua alma. “Estava voltando para casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta”, diz o narrador, e, “Num rompido – ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si – e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado” (ROSA, 2001, p. 66).

As mulheres exteriorizaram seus sentimentos a partir da cantiga, a qual pôde ter representado o amor e/ou a tristeza sentidos naquele momento derradeiro para todos, inclusive o povo, que, especulador, acompanhou o sofrimento de Sorôco desde o cortejo saído de sua casa.

A continuação do canto na voz de Sorôco simboliza a ausência de seus familiares e, para não se sentir na solidão aterradora, prolonga o canto como se fosse para desfazer de um sentimento de culpa por tê-las deixado partir que talvez atribuísse a si mesmo.

O povo, solidário, “[...] todos, de uma vez, de dó de Sorôco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão” (ROSA, 2001, p. 66). Pelo menos por alguns instantes, o protagonista integra aquela comunidade. A situação de exclusão, de pária que ele partilha com as duas mulheres de sua família fica suspensa nesse momento. É bastante comum que em momentos de grande comoção as pessoas se irmanem como no caso de grandes tragédias naturais e desastres. Nesses momentos, há como que uma suspensão das diferenças. Porém, passada essa emoção, a vida retorna ao seu ritmo normal e as hierarquias e diferenças sociais retornam aos seus lugares.

O enredo no conto de Guimarães Rosa elucida o modo de ser da sociedade, apontando a vida cotidiana, o comportamento das pessoas e o mundo empírico. Com uma escrita contundente, porém objetiva e por vezes lírica, o autor delata a realidade tal como observou a sociedade de sua época, mostrando que pessoas que destoam das demais e que não condizem com os padrões sociais são colocadas à margem dessa sociedade.

De outro modo, Daniela Arbex (2013) também denuncia essa realidade em sua obra *Holocausto Brasileiro*. As condições de higiene, moradia, alimentação e mesmo as terapias médicas oferecidas no Hospital Colônia eram tão cruéis que comparar essas condições a um holocausto parece ser ponto pacífico nos dias de hoje. A segregação social dos chamados loucos e, muitas vezes, de seus familiares foi um dos aspectos cruéis da história desses cidadãos.

O escritor construiu uma narrativa voltada para o espaço real, o qual procurou refletir o mundo exterior, com reconhecimento da verdade, mostrando que se sacrificaram vítimas por padecerem uma patologia não bem aceita na sociedade. Trata-se de um conto compromissado com a voz de pacientes e famílias que foram emudecidos por um sistema de saúde arcaico e perverso.

Se, em 2013, o trabalho jornalístico de Daniela Arbex vem escancarar uma história de horrores, dos subterrâneos de uma “higienização” social, de negligência de toda uma sociedade, o conto contundente de Guimarães Rosa aponta para essas mazelas já nos anos de 1960. Isso reflete bem a preocupação e o humanismo de um escritor consciente de problemas de uma sociedade que varre para debaixo do tapete, ou melhor, esconde entre as montanhas mineiras um grave problema de exclusão social, nesse caso de reclusão física e desmantelamento biopsicossocial dos denominados loucos.

### *Referências*

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Atual, 1995.

COVIZZI, L. M. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Língua e Literatura*. vol. 3, São Paulo: Ática, 1990.

PASSOS, Cleusa Rios P. *Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias*. São Paulo: Hucitec Fapesp, 2000.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: *Primeiras Estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. XI-XII.

ROSA, João Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: *Primeiras Estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 62-66.